

(na sede do Dror, na Rua José Paulino): na sala da frente era a diretoria, ao lado, separado por uma parede era o nosso quarto... Mais dois rapazes moravam em outros quartos na Comuna, só [havia] eu e o [meu namorado] de casal. Quando a gente se casou no civil, a festa foi nessa Comuna aí. [24]

3.3. Identidade judaica, identidade nacional

A construção da identidade judaica promovida pela educação drorista abria mão da religiosidade. O Dror, ideologicamente, não só não era religioso como, em certos aspectos, anti-religião (embora se abstinhasse oficialmente de podar a liberdade de crença de seus *chaverim*). Basta ver seus princípios ideológicos e a forma como as festas religiosas e o episódios e personagens bíblicos aparecem nas propostas de sua *ação educativa* ³⁴.

... havia uma preocupação nossa contra o clericalismo como uma força social e política. Mas não éramos contra a religião em si mesma (...) de um modo geral, como em tudo, a gente tinha uma posição mais ou menos livre (...) o enfoque era no sentido não de criar uma luta anti-religião, mas, no que fosse necessária, anticlerical, contra a religião enquanto entidade social e politicamente organizada, porque a gente sabia da importância dos partidos religiosos em Israel, e da freqüente postura reacionária que eles tinham diante de uma série de coisas. No Dror não havia um sentido de querer se destruir a religiosidade. [9]

O Movimento era anti-religioso ("a religião é o ópio do povo") e estava cheio de agnósticos... (embora houvesse um que conseguia harmonizar religião e Dror: o Aron Thalenberg, apelidado por nós de Rabino). Não participávamos de atividades religiosas da comunidade, comemorávamos o Shabat como um dia de descanso e não no sentido religioso e sim histórico - fazia-se a consagração do vinho, mas isso não era reza... O sábado era tratado como um dia de descanso, mais como um direito trabalhista que um direito religioso. (...) Ninguém do Movimento ia à sinagoga, pelo contrário, deixava de ir. Não haveria nada contra se alguém quisesse ser religioso, só que ele não encontraria, no Movimento, muito ambiente para isso... [7]

... o Movimento foi muito importante em minha vida, porque foi onde eu me politizei e deixei de acreditar em Deus (como todo mundo, eu acho) - não me lembro de o Dror falar contra Deus, mas éramos materialistas, socialistas e não cabia muito misticismo... [18]

No Dror, judaísmo não se confundia com religião. Danças judaicas religiosas, por exemplo, eram rejeitadas. Certas tradições que, em sua origem, tiveram alguma ligação com a religiosidade, perdiam esse caráter quando retomadas pelo Dror, que procurava tratá-las como heranças culturais do povo judeu e, didaticamente, como meios de reforçar a coesão nacional. A Páscoa judaica era comemorada como um símbolo da libertação dos judeus:

... havia uma peulá na qual se falava da escravidão, do movimento libertário dos judeus, de Moisés como o homem que fez as leis sobre os modos de se portar, e de como o povo unido se tornou um povo... na falta da Hagadá, nós criamos a nossa: com trechos em hebraico, explicações, interpretações próprias... [21]

Nessa "Hagadá" - livro em que se costuma ler explicações sobre o *Pessach* - a ideologia do Dror se impõe e as idéias alimentadas no Movimento juvenil adquirem um caráter quase místico ao "invadir" um espaço religioso e lançar mão de recursos de linguagem comumente empregado para palavras de fé, que no entanto, revertem-se para objetivos bastante pragmáticos:

Entoamos um louvor por termos vivido até esse tempo e por termos visto com nossos próprios olhos o soerguimento de Medinat Israel. Cada indivíduo em Israel sabe que é parte de um todo, uma roda de engrenagem que fará possível a consolidação de nosso estado. Todos plantam e constróem, pois quanto mais se construir mais difícil será desarraigá-lo o povo de sua terra pela força. (...) Nós também, jovens judeus do Brasil, lançamos nossas sementes e temos nosso rincão na obra de criação do Shaar Hanegev [Portão do Negev]. Abençoado seja o homem que constrói e cria, planta e semeia. Sede forte - para enfrentar a dura vida. Sede judeu - e realizai os valores morais do nosso povo. Não estais sós - ouvem-se já os passos dos que vos seguem (...) Como no passado, hoje os egípcios e os filhos da arábia, juraram destruir o nosso estado e levantaram-se com muitos homens e muitas forças contra nós. Mas não se atemorizaram os filhos de Israel, lutaram com poucas armas e defenderam a vida e a liberdade dos homens. [*Hagadá de Pessach do Ichud Hanoar Hachalutzí Brasil, sd.*]

Embora alguns *ex-chaverim* digam hoje ser quase impossível ter havido jovens religiosos no Movimento - dado o seu caráter *socialista e anti-religião, ateu, por princípio ideológico, cético, cientificista* e a existência de uma *pressão* no sentido de ser *materialista* - outros, contemporâneos, recordam-se de um ambiente de liberdade em que, quem quisesse, podia continuar cultivando suas crenças, freqüentando sinagogas e obedecendo preceitos religiosos sem receber qualquer censura. Entre uma posição e outra, há os que se lembram de um ou outro *chaver* religioso que procurava disfarçar sua crença para fugir das admoestações ou brincadeiras dos seus companheiros. Alguns *chaverim*, inclusive, pouco versados em tradições judaicas ou textos bíblicos (por não terem recebido tal educação em suas famílias) acabavam tendo a oportunidade de entrar em contato com esses assuntos dentro do próprio Dror, embora com um viés bastante específico.

... no Movimento eu aprendi algumas coisas (que, hoje, eu acho ruins): aquele ideal do chalutz - o homem obreiro que vai com a espingarda no ombro e a enxada na mão, o guerreiro que não é mais o cara covarde dos guetos da Europa... - fazia com que nós ridicularizássemos muito a religião... e como eu não tinha nenhuma formação religiosa, aquilo para mim era a verdade... todas as comemorações bíblicas que havia no Movimento, hoje eu vejo, tinham um viés do Movimento sionista (por exemplo Chanuka no Movimento era ligada à nova redenção sionista; Moisés acabava sendo um "herói sionista"...). Todo o aspecto religioso por trás disso não era visto (o que é uma pena). [31]

Enfim, o Movimento juvenil oferecia aos jovens uma oportunidade de aquisição de uma identidade judaica que não fosse religiosa.

A identidade judaica alimentada no Movimento juvenil era uma identidade fundamentalmente nacional. Apegava-se à crença da existência de um *povo* judeu consciente de sê-lo, portanto, lembrando Borochof, uma *nação*, identificada em termos de origem e destino. A questão do território (e da reunião dos judeus em determinado local) entrava como uma necessidade relacionada a esse destino comum.

Sob esse aspecto, entretanto, não havia nada na ideologia do Movimento que atentasse contra o Brasil. Não há uma linha sequer criticando esse país que acolhia suas famílias imigrantes e lhes dava oportunidades razoáveis. A questão da *dupla lealdade* (Israel/Brasil) era discutida chegando-se à conclusão de que não se estava sendo desleal ao Brasil ao deixá-lo por Israel e sim salvando o *povo judeu* (o que deixava mais tranquilos os *chaverim* numa época em que o *amor à pátria*, manifestação do nacionalismo brasileiro, estava ligado, entre outras coisas, à permanência no solo do Brasil e à assimilação). Tanto o Movimento sentia-se ligado ao Brasil que apreciava algumas manifestações artísticas brasileiras e preocupava-se com nossas mazelas sociais. Entretanto, os laços para com o

novo lar, Israel, eram cuidadosamente tecidos pela *ação educativa* do Movimento, redesenhando um novo alvo de identificação territorial.

Estando no país, e sentindo-se brasileiros, muitos jovens do Dror procuravam *fazer o melhor pelo Brasil e não se afastar da realidade brasileira*. Entre outras coisas, tentavam não se abster do envolvimento na política local. Socialistas, apoiaram o PSB (Partido Socialista Brasileiro) nas eleições de que participou, não somente com votos, mas atuando em campanhas, indo a comícios, vendendo bônus a favor do partido e fazendo “boca-de-urna”. Em 1950, por exemplo, revista *Dror* e boletins de *kvutzot* recomendavam o apoio ao único *partido não-burguês*, para que este, no Parlamento, pudesse *realizar alguns pontos fundamentais de seu programa imediato: reforma agrária, liberdade sindical, e direito de greve*. E o Movimento chegou a manter um representante seu nos encontros desse partido. Esse apoio durou alguns anos, mesmo não trazendo, na avaliação dos *chaverim*, resultados minimamente satisfatórios. Em um momento posterior, discutia-se o apoio a determinados candidatos vistos como mais interessados no bem-estar dos trabalhadores. Entretanto, em função de suas prioridades, o Dror nunca chegou a desenvolver um trabalho social ou político maior voltado especificamente para o Brasil, a não ser colaborar com o encaminhamento de garotos judeus órfãos e pobres para uma vida considerada de melhores condições em Israel. Além disso, para aqueles jovens, a solução da questão social não se restringia a fronteiras territoriais, no kibutz, eles estariam servindo de exemplo para o mundo todo.

Isso tudo não quer dizer que alguns não tenham sofrido ao deixar o Brasil, e que esse apego ao país não tenha pesado na decisão de vários que voltaram de Israel desistindo de viver lá, como o caso do *chaver* que, não tendo se adaptado à vida de kibutz, ainda tentou ficar em Israel, onde fez exército e, depois, experimentou a vida na cidade...

...mas acabei voltando, até porque o atrativo era muito grande... tinha o carnaval, e tinha o futebol, e tinha as morenas e as mulatas. Escuta, se até gente que não tinha nada a ver com o Brasil sentia atração e veio para cá, imagina a gente! E a gente tinha saudades da nossa rua. (...) eu adorava as músicas brasileiras... [21]

Diante da postura do Movimento (que relacionava identidade judaica à identidade nacional e propunha a emigração para Israel) e de acordo com a história de vida de cada um, as pessoas tiveram seus interesses, conflitos e identificações com relação a Israel e Brasil de forma variada e particular, embora os vários aspectos da *educação nacional* promovida pelo Movimento tenham sido, entre os *chaverim*, referências importantes.

Até ir ao Dror, eu me considerava muito brasileira (...) como os outros tinham a religião católica, eu tinha a religião judaica, não mais do que isso. Por isso talvez eu me lembre tão bem dessa palestra [que ouvi no Dror e] que me marcou: “na Alemanha nazista não adiantou a assimilação para os judeus”. Então, passei a me sentir dividida, com a balança pendendo mais para o judaísmo - se a gente pode ser morta de uma hora para outra por ser judia, então eu tenho mesmo, mais é que ir para o judaísmo, [conseqüentemente] Israel. Naquele momento, foi assim. [20]

[Eu não vivi nenhum conflito]... eu torcia pelo Brasil como qualquer outro brasileiro e eu torcia pelo Flamengo ou pelo Corinthians... Gostava do Brasil e tinha ligações com o Brasil, mas estava claro para mim que eu não iria viver no Brasil, [e sim em Israel] (...). [19]

Para mim, a identidade nacional nunca foi um problema: “Eu sou judeu, quero ir para Israel, e

quando for para lá vou deixar de ser judeu no Brasil e serei judeu em Israel", muito simples. (...) [a questão de identidade] não passava nunca pela dicotomia brasileiro x judeu. [25]

Chegava um determinado momento em que você tinha que decidir [sobre sua identidade nacional]: e era uma briga de foice interna, porque você estava ligado a determinados valores locais e foi educado dentro deles (...) na escola, mas também no bairro, na rua, no rádio, no clube... (você os recebe constantemente e eles passam a fazer parte de você). Quando você aprende história e geografia do Brasil, está formando o teu nacionalismo. E, naquela época, quando a gente chegava na escola, a gente cantava o hino nacional brasileiro (...) também aprendíamos sobre folclore (...) Mário de Andrade (...) Monteiro Lobato... Eu tinha uma relação muito forte com o Brasil. Eu era corinthiano fanático de freqüentar sempre o Pacaembú e o Parque São Jorge (...). Joguei basquete e nadei no Corinthians. Por aí, você vê que a influência da rua era muito grande. Quando chegava aquela hora [de saber] para onde você ia, era uma briga intensa... Mais de uma vez eu quis desistir de tudo e, claro, em casa eu ouvia aquela coisa "- Meu filho, você vai para Israel, a gente vai se separar..." - e a minha mãe chorava muito. Mas a gente não levou muito isso em consideração (...) Teve um momento em que eu disse "- Sou judeu, quero ir para Israel e acho que lá é que eu vou me realizar". [21]

(...) com relação à identidade nacional, o meu coração estava dividido. Eu queria muito ser brasileiro. Eu cheguei aqui aos 8 anos, estava desenraizado, era diferente, não falava a língua... tive dificuldades (...). Então me abracei. Quando eu entrei no Dror, eu já era completamente brasileiro, falava português como falo hoje. Aí, veio a história da identidade judaica e (...) eu fiz um acordo comigo mesmo dizendo: "[o sionismo] é uma coisa defensiva, eu vou acabar virando judeu lá em Israel", mas, por enquanto, estou aqui e sou brasileiro. Eu fui uma das pessoas que introduziu o conteúdo brasileiro no Dror (...) eu queria que o Dror pudesse tomar mais conhecimento do país em que estava - e isso foi aceito (...). A orientação do Movimento era ir para Israel, sem dúvida, mas o ir para Israel (...) não era uma coisa de "só os judeus é que interessam e o resto é lixo", havia uma idéia de que você fazia parte de uma luta mundial, por um mundo melhor... (Daí a solidariedade para com o Partido Socialista Brasileiro. Daí, se educar os jovens para o tipo de país que é o Brasil...). (...) [eu dizia a mim mesmo:] "o sionismo tem validade, porque não é possível deixar os judeus ainda expostos aqui fora a qualquer louco que os massacre, então é melhor eles irem para Israel". [13]

Aquela era uma época, os anos 50, em que os brasileiros tinham muito orgulho de serem brasileiros, a gente amava o Brasil. (...) não tinha país mais bonito. Era a época do fusquinha e a gente descobriu o Brasil, as praias, e a gente fazia muita excursão, então, não havia realmente um conflito [entre ser judeu e brasileiro], eu acho que é como se somasse. (...) mas a gente foi se tornando progressivamente educado na cultura sionista e nós fomos nos afastando das temáticas brasileiras. (...) No Movimento, não se discutia muito os problemas do Brasil a não ser em ocasiões específicas... quando tinha uma eleição (...) nas greves, a gente ia lá e participava: eu participei de greve desde os 12, 13 anos; da greve dos metalúrgicos, da dos gráficos: ia lá ajudar, pintar faixa... (...) quando a gente foi para Israel, depois que a gente subiu no navio, eles recolheram nossos passaportes para nos dar passaportes israelenses. (...). E eu me revolttei. Eu não aceitei isso... e aí alguns outros me seguiram e realmente quebrou o pau. (...) no fim, eles tiveram que deixar os nossos passaportes brasileiros conosco, a gente não aceitou que nos tirassem a cidadania brasileira... [23]

O sionismo não entrava em contradição com o nacionalismo brasileiro, porque, para nós, estava claro que era fundamental ajudarmos o povo judeu. (...) A minha relação com o Brasil variou. Até os 15 anos (...), era forte e eu era bastante integrado. (...) depois, (...) quando me envolvi com o Movimento, eu deixei de lado minha reflexão sobre o Brasil. Passei a pensar: "não me interessa mais o Brasil. Não dá para eu ir para Israel e tentar resolver o problema do Brasil". Eu estava sempre lendo muito jornal e sempre por dentro que acontecia no país, mas eu lia apenas como leitor de fora, eu me sentia israelense, eu iria fazer aliá, portanto, minha área de atuação seria lá. Assim, entre 1956 e meados de 1958, eu não fui brasileiro, fui um israelense. Foi em 1958 que eu comecei a retomar a questão do Brasil. (...) O Brasil foi, pela primeira vez, campeão de futebol mundial e foi um momento muito importante de identidade nacional, aquele orgulho de ser brasileiro, que eu senti com intensidade e profundidade. Aos poucos eu fui "voltando ao Brasil"...

(...) A essa altura, eu sabia que queria fazer faculdade (...) e que queria ficar no Brasil, pelo menos por aquele período... talvez eu pudesse ir para Israel mais tarde (...). Ainda restava algum sionismo na minha cabeça. (...) Embora minha saída do Movimento fosse algo bem resolvido, eu sai com tristeza, com uma sensação contraditória (...) me senti um pouco traidor: "optei por uma saída individual contra um saída coletiva". ... "os outros vão lutar pela redenção do povo judeu, inclusive a minha, enquanto eu vou procurar a solução mais fácil para mim." (...) e, ao mesmo tempo, eu achava que tinha feito a coisa certa. (...) Então, por um tempo eu parei de pensar tanto no povo judeu, mas ainda ficou esse pensamento, até que eu fui para Israel... (...) Interrompi um ano [da faculdade, em 1961,] fui para Israel e vi como funcionava o país. Voltei no final de 1962. A minha vida em Israel tinha me mostrado que essa questão de identidade nacional não era nada daquilo [que eu pensava antes], tirou um monte de ilusões que eu tinha. (...) Voltei bem brasileiro. (...) Entrei para a política estudantil no final de 62. [27]

Hoje, algumas pessoas que passaram pelo Dror, mas não vivem em Israel, têm dificuldades em definir uma *identidade judaica* para si próprios, por não terem outros elementos de identidade com o judaísmo como, por exemplo, a cultura iídiche ou a fé mosaica.

A identidade judaica é uma coisa muito complicada para mim. Mesmo criando os filhos como goim, os meninos sabem que são judeus... Eu nunca me preocupei em dar-lhes uma religião, ia ser hipócrita fazê-los aprender uma religião judaica quando eu mesmo não acredito. Por outro lado, se você não adere à religião não sobra nada, não tem muito mais. Um judeu não religioso o que é? Adepto da língua hebraica? - que eu não sei falar... Recentemente, eu peguei o livro do Jaime Pinsky (...). É muito bom. O livro dele mostra muito claramente que os judeus acabaram, pela assimilação à cultura ocidental do iluminismo, procurando uma identidade não-religiosa. Mas acabaram não encontrando. Agora, em Israel sim, porque lá eles têm uma nacionalidade, têm um aparelho estatal, um território, uma língua. Aí sim, faz sentido. Mas fora de Israel só faz sentido [dizer-se judeu] se for religioso, senão não sobra nada, mesmo que você queira... [13]

Era muito difícil a questão da identidade nacional para mim. Até hoje. Eu acho que nenhum judeu honesto respondeu a essa pergunta, porque não dá. Que identidade nacional é essa? O que você é? Eu acho que um judeu honesto de fato vai morar em Israel e acabou; aí ele esquece de onde ele é, isso se ele for judeu-judeu! Porque não existe essa coisa só de ser "de religião judaica". Eu não sou religiosa, não conheço nenhum judeu, não convivo com isso. (...) [o judaísmo para mim é] uma ficção, eu sou judia porque eu sou. (...) A coisa é muito confusa. Porque, no meio de brasileiros, você é judia. E no meio dos judeus, você, que não é religiosa, que não professa qualquer coisa, que não sabe iídiche, ou não tem uma família naqueles moldes sócio-econômicos, ou não morou num gueto, é uma judia *outsider*. [26]

3.4. O Movimento e a Coletividade judaica

Falar das relações entre o Dror e a coletividade judaica não é algo simples. Como já foi dito, não havia uma comunidade homogênea e coesa; determinados grupos com certas características tendiam a ver com satisfação a participação dos jovens no Dror, enquanto outros procuravam manter suas ligações com movimentos sionistas limitadas à filantropia. E mesmo famílias que aprovavam o Movimento, por vezes, discordavam da influência deste em seus próprios filhos. Em alguns casos, pais que não colocavam obstáculos à emigração de uma filha, opunham-se à *aliá* de um filho homem para quem tinham planos profissionais.

Em termos gerais, o Dror recebia ajuda financeira de membros da coletividade judaica (os *amigos do Movimento* que colaboravam voluntariamente). Além disso, era entre